

CREIO no Brasil, porque CREIO no Soldado Brasileiro

Gen. Div. CRISTOVAM BARCELOS



DUQUE DE CAXIAS

Neste dia consagrado ao soldado do Brasil, dirijo-me aos meus comandados convencido de que oficiais e soldados lhe emprestam uma alta significação cívica e a ressonância patriótica, como uma afirmação de fé e renovação de fidelidade à Pátria, diante do nosso excelso patrono — o invicto Duque de Caxias.

Falo com profunda emoção, seja pelo instante aflitivo que os povos atravessam ante a hecatombe desencadeada sobre

o mundo, seja por saber que me ouvem nas mais longínquas guarnições de Minas, os mesmos soldados com que aqui me defronto, guardas fieis da tradição de disciplina e bravura dos que tomaram pelo Brasil, e expressão viva de confiança, de garantia e inquebrável energia pela grandeza e pela honra da nossa grande Pátria.

Creio no Brasil, no seu futuro grandioso, na sua independência econômica e política; creio no seu progresso sem jugos, nem servidões. Mas se creio no porvir do Brasil, é por crer no soldado brasileiro. Quanto mais o conheço, quanto mais

ausculto o seu coração e penetro na sua alma, mais confio nos nossos grandes e radiosos destinos. Sim, creio no Brasil, porque creio no soldado brasileiro.

Tenho razões para confiar no soldado brasileiro. Eu os conheço na paz como na luta. Deles não me distancio como chefe. Aproximo-me de cada um, ouço-os, acompanho-os. Nas inspeções aos corpos desta Região, não raro o interpele, sondo-lhes o ânimo, para melhor os conhecer.

Vou narrar dois episódios, dentre tantos, dois episódios na aparência insignificantes, mas ao meu ver, expressivos, como prova da firmeza patriótica dos nossos comandados.

Há poucos dias passava eu em revista uma Companhia do 11.º R. I., e encaminhei para um recruta, que me parecia dos mais tímidos. Indaguei antes da sua situação. Era lavrador em um recanto afastado do município de S. João d'El-Rey, casado, e apenas nascera o primeiro filhinho, fora chamado à caserna. Indaguei-lhe da família, como se sentia no Quartel, se recebia e dava notícias suas aos seus. Respondeu-me na posição de sentido, entre lágrimas, que tinha constantemente notícias da esposa, dos pais e do filhinho e, apesar de ser muito bem tratado pelos seus superiores, a saudade era imensa!

“Você, disse-lhe, deseja ser licenciado?”. E ele, firme, fixando-me os olhos marejados, respondeu-me: “Não, desejo cumprir o meu dever até o fim!”

Depois de louvá-lo, afastei-me um pouco, e o Capitão me falou: “O meu General tocou na corda sensível de um dos homens melhores da minha Companhia. De quando em quando mostra-me e aos tenentes, cartas dos seus e fotografia do filhinho”.

Indaguei como os seus companheiros o tratavam. O Capitão respondeu-me que todos o estimam muito e respeitam os seus extremos pela família.

Esse soldado tímido e sensível se tiver de defender o nosso solo sagrado, transforma-se em um lutador decidido e intemerato, porque sabe que defendendo a Pátria, defende o seu próprio lar, que ele tanto adora.

Aqui bem perto uma Bateria de Dorso havia tomado posição de acordo com uma situação tática, criada pelo Comandante do Grupo. Após várias perguntas de ordem geral e técnica, encaminhei-me para a última guarnição. Dentre os homens que a compunham, escolhi um para perguntar se fazia idéia da guerra de hoje. Ainda era cedo para os instrutores tratarem disso. Mas, insistindo, indaguei se o cinema não lhe dava a impressão do quadro dantesco da guerra. Vindo da roça longe de cidades, cansado da instrução intensiva do primeiro período, não conhecia ainda o cinema !

Procurei então descrever o combate cruento e rude, agitado e sangrento dos nossos dias. Daquele morro metralhadoras crepitando, e balas a sibilar pelas cabeças; lá, além daquelas elevações, a artilharia a lançar obuzes; por cima aviões a despejar bombas e a metralhar; em redor o cenário de sangue, de fogo, sons que enervam e estampidos que ensurdecem.

Perguntei-lhe se, em meio desse turbilhão, ele não iria em busca da linha de cargueiro, abrigado das vistas e dos fogos inimigos. Espondeu-me sorrindo que não.

Disse-lhe que me mostrasse um companheiro capaz de abandonar a sua peça. Passou os olhos por todos os homens da guarnição. Ficamos por instantes suspensos por levar tão a sério o que pedíamos. Olhou bem para o último camarada que se achava à esquerda e, voltando os olhos para mim, disse — ninguém !

Sim — ninguém, nenhum dos nossos soldados desertará do seu posto, pois a existência para eles pouco vale ante a imagem da Pátria, cuja integridade e honra juraram defender com o sacrifício da própria vida.

Já vos disse, precisamente há um ano — “Humilde que seja o nosso soldado, venha de regiões agrestes, quando neles se desperta a verdadeira noção de Pátria, transfiguram-se como iluminados pelas centelhas de uma herança de heroísmo e de glória, que no peito dos nossos homens não desfalece e não se estingue”. Se tocarmos na sua sensibilidade patriótica, vereis que “perdem a atitude tímida e humilde, como

se alguma cousa intimamente interior fosse tangida pela misteriosa imanência do passado”.

Na massa dos homens, vindos dos rincões longínquos, das serranias ou dos campos, dos vilarejos modestos e tugúrios humildes, é que podemos ver a tocante simplicidade e a grande alma heróica da nossa gente, pronta aos supremos sacrifícios.

Sabemos como a sociedade desvirtua caracteres, deforma alma as mais puras e nobres.

“A natureza de cada indivíduo é antes de tudo o conjunto de disposições primitivas anteriores aos hábitos” e alterações do meio.

Se quisermos conhecer a natureza da nossa gente, temos de deixar as avenidas e os desvãos da cidade, em busca de almas virgens, de corações puros, seja no interior ou no nosso sertão, seja nas caatingas do nordeste, nas matas da Amazônia ou nas coxilhas ondulantes do Sul.

Então veremos o cerne da nacionalidade, que nutre e mantém a pujança moral do Brasil, a nobreza da nossa gente, a coragem do nosso homem, as grandes virtudes do brasileiro tal qual foi, como é e será sempre — humilde, mas digno; tímido, mas resoluto; modesto, mas altaneiro, estóico, bravo e magnânimo.

No “Inferno Verde”, de Alberto Rangel, o grande discípulo de Euclides da Cunha, mostra-nos em relevo de inconfundível beleza, a índole e o temperamento dos nossos homens desbravando os seringais do Amazonas.

Dele é uma página que li há longos anos; narrativa impressionante que traduz o amor do nosso homem à terra e o seu horror a qualquer forma de despotismo.

Um cearense penetrára a fundo nos seringais da Amazônia, anos e anos aí viveu, edificou a sua casa, constituiu o seu lar, criou filhos e começava a educar os netos. Um dia surgiram meirinhos com o mandado de despejo. Um flibusteiro favorecido pelas leis brasileiras de então, enxotava-o das terras que regara com o seu suor, que era o passado de

mortificações e trabalhos, os dias tranquilos da velhice, e a garantia do futuro de seus filhos.

O sertanejo ante o golpe rude e irreparável, providenciou para que toda família se retirasse da choupana; ficaria ele para entregar ao intruso aquela terra dadivosa e amiga.

Dias depois, voltando a caravana espoliadora, encontrou o velho enterrado até o busto, sepultado por ele próprio, morto, mãos crispadas a apertar a terra que era o seu pão e a sua existência.

Esse quadro transforma-se nos dias incertos que atravessamos, em um símbolo para cada um de nós.

Se algum dia qualquer alguém não respeitar os séculos da nossa penosa formação política, a longa e agitada existência de povo livre e soberano, se quiserem pisar e dominar a terra regada com o sangue dos nossos antepassados, lembremo-nos da reação selvagem do cearense bravo e intrépido, e nas trincheiras do campo de batalha — cicatrizes abertas no solo sagrado, — lancemo-nos com animo de extremo holocausto, prontos a receber o derradeiro amplexo da terra sagrada, no enternecido agradecimento da Pátria, orgulhosa dos filhos que a sabem defender e morrer por ela.

E' preciso porem, que o nosso sacrificio não seja, um dia, vão e inutil. De nada valerá o nosso esforço ingente, se o estado d'alma da ação não nos envolver com a sua solidariedade irrestrita, ativa e corajosa; se não sentirmos em torno e atraz de nós um pensamento comum, igual espírito de sacrificio, e os mesmos anseios no triunfo redentor de nossas armas.

Não nos iludamos. Sintamos antes os grandes perigos que correm os povos, cujas paixões e antagonismos se inflamam por ideologias, que conturbam consciências puras e retas, exercem o fascínio da inteligência e geram a incandescência dos espíritos.

Outrora cada povo se conformava ou vivia feliz com as formas de governo que o seu destino histórico, suas tradições ou tendências lhe traçavam.

As eclosões políticas visando transformações de regimen, circunscriviam às fronteiras dos países de cujo seio irrompiam.

Havia mesmo uma ética entre as nações que as levava a não se imiscuirem nas aspirações e problemas de outros povos.

Presidencialismo, parlamentarismo, instituições monárquicas ou republicanas, kaiserismo ou czarismo, ditaduras ou governos liberais, cada povo tinha o seu sistema de governo, e esse, seus adeptos fervorosos e adversários impenitentes, mas nenhum regimen possuía o sinete do internacionalismo a trazer a cizânia entre os melhores amigos, o mal estar no convívio social, a desconfiança por toda parte.

A hora da angustia que o mundo atravessa e as incertezas nos dias de amanhã, exigem e exigirão governos fortes e a centralização do poder.

País militarmente fraco, o Brasil só será forte, se os brasileiros tocados por qualquer credo alienigena convencerem-se que devem desprender-se de ódios e paixões, procurando ter uma só mística e um único ideal — o da Pátria grande, una, gloriosa e imperecível.

Tenho o coração sem ódios e sem paixões, pronto a ter paixão e ódio, a quem nos ameaçar ou tentar escravizar o meu querido Brasil; tenho a alma pronta a se inflamar qualquer que seja o setor que a Nação apontar para defendê-la ou desafrontá-la!

E' esse o estado de ânimo e as condições de espírito que nos podem preservar das desgraças que pairam sobre os povos divididos.

Um homem apaixonado é quasi sempre um inimigo dele próprio e, o que é peor — transforma-se muitas vezes, sem o saber, em inimigo da Pátria.

E' entre eles, e entre as consciências que se mercadejam, que o inimigo recruta os seus comparsas da retaguarda, organizam aquella coluna execravel, cujo nome não devo pronunciar em hora tão solene, pronta a desferir pelas costas os golpes traiçoeiros sobre os que oferecem o seu peito à morte, em defesa da Pátria!

Quaisquer que sejam as simpatias ou antipatias pessoais, o ponto de vista de cada um, é necessário que estejam prontos a atender ao supremo apelo da Pátria. O momento não comporta divisões.

Mas, porque nos inquietarmos pela consciência coletiva e pela unidade espiritual do Brasil, quando cremos firmemente no soldado brasileiro, que é o seu reflexo e a sua imagem ?!

Não, Caxias, ninguém — nenhum brasileiro — trairá essa bandeira; o teu exemplo, nume tutelar do Brasil, apontará o rumo da nossa salvação e o triunfo imortal da nossa Pátria.

Saberemos imitar a tua vida, que gisou para nós, atravez dos anos, o caminho da serenidade, do dever e da honra.

E se amanhã as cruéis realidades da guerra, levarem a Nação a apelar para o devotamento dos seus filhos, e se cada chefe e repetir a tua frase memorável — “sigam-me os que forem brasileiros” — estou certo, Caxias, ninguém vacilará e todos o seguirão como se te seguissem e vissem a lâmina rutilante da tua espada a operar, mais uma vez, o milagre das barrancas do Itororó, a irradiar nas brumas do tempo os albores da vitória, a traçar pelos séculos a fóra os largos designios e a eterna glória do BRASIL !



CAXIAS

NO LAR

E' o Chefe que reúne as grandes qualidades essenciais — grande carater, coragem física, saber e energia, ao par de “um coração maior que o mundo”.

E' um chefe de família modelo, esposo amantissimo e pai extremo.

(Da palestra feita pelo Cap. **Hermes Guimarães** por ocasião da cerimonia semanal da Bandeira no 2.º G. A. C. e Portaleza de São João).

CAXIAS

No seu atlético peito brilharam as seguintes condecorações:

- 1) — Cavalleiro da Ordem do Cruzeiro, depois de restaurar a Baía.
- 2) — Medalha da Independência, depois que domina a revolução Cisplatina.
- 3) — Comendador da Ordem de S. Bento de Aviz, pelos relevantes serviços no espaço de 37 anos.
- 4) — Grão-Cruz da Imperial Ordem de Aviz, como bons serviços de Marechal de Campo.
- 5) — Cavalleiro da Imperial Ordem da Rosa pelos bons serviços prestados na guerra do Paraguai.
- 6) — Medalha de ouro por ter tomado parte na Campanha do Uruguai como general.
- 7) — Medalha da rendição de Uruguaiana, comemorativa deste feito, assistido por Caxias e o Imperador.
- 8) — Grão-Cruz da Ordem de Pedro I, como comandante do Exército no Paraguai.
- 9) — Medalha de Mérito Militar com quatro passadeiras de prata, representando cada uma, recompensa por ato de bravura nos combates de Estabelecimento, do Itororó, do Avahi e Lomas-Vallentinas.
- 10) — Medalha de Campanha geral do Paraguai — comemorativa da triplice aliança, feita do bronze dos canhões inimigos.
- 11) — Comendador da Ordem de Cristo — Pelos serviços políticos prestados ao Estado.

(Da palestra feita pelo Cap. **Hermes Guimarães** por ocasião da cerimônia semanal da Bandeira no 2.º G. A. C. e Fortaleza de São João).